

Entrevista com Rose Marie Muraro*

por Luiza E. Tomita**

Rose, você participou, como editora, da história do feminismo no Brasil. Foi encarregada de entrevistá-la sobre este tema, mas antes gostaria que você falasse um pouco sobre os fatos relevantes que antecederam o movimento feminista, no mundo.

Bom, o feminismo começa com Simone de Beauvoir. Mas o laço do feminismo começa no século XIX com as sufragistas que, em 1848, em Seneca Falls, fizeram um manifesto que foi complementar ao Manifesto de Marx. Enquanto Marx dizia: "Homens do mundo inteiro, unidos", elas falavam: "Mulheres do mundo inteiro, unidos". Só que as perspectivas eram diferentes. Marx queria acabar com a sociedade de classes e as mulheres queriam acabar simplesmente com o patriarcado, mesmo sem saber. Elas diziam: nós queremos votar, nós queremos ganhar, aprender a ler, nós queremos ganhar dinheiro pelo nosso trabalho (porque as criadas não ganhavam dinheiro), nós queremos estudar, nós queremos trabalhar fora de casa, queremos todos estes direitos de cidadania. E ambos os manifestos geraram movimentos que foram até 1920 para conseguir os primeiros resultados, sendo que o manifesto dos homens, como tudo que é masculino, fez muito barulho. Fez a 1ª socialista, a 2ª socialista e acabou, na quarta socialista, a União Soviética se formando depois da 1ª guerra mundial, em 1917. Ao passo que o manifesto das mulheres foi assim: elas correram silenciosamente todos os países a pé, muitas vezes com os maridos, mas sempre chamadas de mal-amadas, lésbicas, vespas com guarda-chuva, mulheres bigodudas etc, prostitutas. O primeiro direito ao voto foi em 1920, nos Estados Unidos e na Inglaterra, e no Brasil foi em 1934. A esse fe-

minismo eu chamo de sufragista, pois, no começo, elas votavam com os maridos e depois começaram a votar independentemente dos maridos. Então houve um período de refluxo nos anos 1930, 1940 e 1950 até que, em fins dos anos 1940 a Simone de Beauvoir publicou o livro *O Segundo Sexo*. Este teve um impacto mundial imenso: ela fala que a mulher é operária do homem, e fala pela primeira vez como se constrói o feminino, sendo este constituído no sentido do interesse dos sistemas econômicos.

Como surgiram as primeiras organizações feministas?
Em 1963, a Betty Friedan, que era uma psicóloga americana, corre os Estados Unidos porque as mulheres tinham participado do esforço de guerra, e depois da guerra, elas voltam pra casa, porque os homens queriam seus lugares no sistema produtivo, que estava ocupado pelas mulheres. Aí entra a (Margareth...) com a "Mística Feminina", dizendo que a verdadeira mulher é a dona de casa, mãe, etc, e elas voltam para casa para serem verdadeiras mulheres, mas em meados dos anos 1950, Betty Friedan faz uma viagem no país inteiro e percebe um fenômeno nos Estados Unidos inteiro, chamado "Mal sem nome": mulheres com estudo universitário e capacitação para fazer os trabalhos mais sofisticados estavam reduzidas a cozinhar, a comprar os aparelhos de consumo, a atrair os seus maridos... Elas tinham que ter alguma coisa com que se distrair e estavam todas, todas insatisfeitas com suas vidas. Quando o livro sai em 1963, isso aí eu já começo a assistir, acontece um impacto mundial. Em 1966 você tem as primeiras organizações feministas no mundo e no Brasil.

Qual foi a sua participação no movimento feminista no Brasil?

No começo dos anos 1960 a Carmem da Silva já era minha amiga e ela já falava do feminismo europeu e americano, mas só que não podia pôr na Cláudia que era muito conservadora, e eu escrevo *Mulher na construção do mundo futuro* ligando a opressão da mulher à opressão econômica. Nessa época, nem se sonhava em falar em gênero e esse livro vende 10.000 exemplares em três meses na Vozes, uma editora católica, e logo começa a ser adotado por escolas católicas, isso nos anos 1960. Em 1968, já estamos na época da revolução das mentalidades.

* Rose Marie Muraro é editora e escritora feminista; autora de diversos livros, entre eles, *Textos da Fogueira*. Brasília: Letra Viva. 2000.

** Luiza E. Tomita é doutoranda na área de Teologia e História, da Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP; e membro do NETMAL.

Antes disso, eu assisto, nos Estados Unidos, ao movimento de direitos civis, em 1964, ao começo do movimento negro, mas não se falava ainda de movimento de mulheres. Falava-se em movimento jovem por causa do Vietnã, os americanos não estavam querendo participar dessa guerra; então 40 milhões desertaram, 1 milhão desertou, na realidade, e 40 milhões não foram à guerra, ou se casaram ou foram para a universidade. Outros se mudaram dos Estados Unidos e foram para o Canadá, para outros lugares, não querendo ir para a guerra, para servir a interesse de poucos. Já tinham esse tipo de consciência política de opressão, já começa a consciência de opressão de gênero, de raça, de etnia e também de opção sexual, porque o movimento *gay* começa nessa época, e também o movimento jovem. Então é a grande revolução das mentalidades do século XX que pega todos os anos 1970 e vai até os anos 1980. É neste quadro que eu trago a Betty Friedan, em março de 71. O livro dela quem me deu foi a Madre Cristina, do Sedes Sapientiae, grande mulher, do tempo em que o Cardeal Arns ia libertar os prisioneiros políticos durante a ditadura militar. O DOPS fazia as fichas e o Cardeal ia lá queimar as fichas da Madre Cristina e ela aprontava outras, ele ia e queimava. É bom conhecer esta história, ela foi uma grande feminista. Foi aí que a Comissão de Justiça e Paz, à qual eu era muito ligada, porque já estava na Vozes, nos apóia para trazer a Betty Friedan pelas Vozes, porque foi a mais acessível de todos os que eu queria trazer. O Michael Foucault ou o Norman Brown que já era meu ídolo, foi difícil. Mas a Betty Friedan eu consegui de cara.

Conte-nos um pouco como foi a vinda da Betty Friedan, parece que foi um rebuliço.

Quando ela veio, eu pensei que o evento ia se restringir às universidades, mas deu um rolo monumental, porque toda a mídia se mobilizou, ficavam os jornalistas em cima das árvores na casa onde ela estava doente, gripada. Ela esperou uns dias, ficou três dias comigo e nove dias doente, enquanto ela esteve doente, os jornalistas foram espiar o que que ela fazia. Aí quando começou nosso trabalho, eu fiquei um dia e meio no Rio e um dia e meio em São Paulo. Eu mostrei pra ela as marchadeiras de 1964, as mulheres de favela, eu mostrei as jovens, mostrei tudo o que eu podia em um dia e

meio. Fomos para todas as televisões, todos os jornais e depois fui para São Paulo. Nós fizemos o lançamento na biblioteca Mário de Andrade, com repórteres de todos os canais de televisão, de todas as revistas, teve páginas amarelas da VEJA, foi uma coisa espetacular. A TV Globo fazia enquete sobre o feminismo em todas as emissoras, em todos os cantos do país, e assim ela vai embora. Eu dizia: "Betty, não fala mal dos militares, porque eles vão perseguir a mim", ela foi embora dizendo: "eu sou uma cidadã livre americana". Depois que ela vai embora, eles me perseguem durante seis meses, mas não entenderam nada, porque não liam Marx, nem Engels, nem faziam reuniões políticas, aliás não faziam reunião com ninguém.

Como foi o seu envolvimento com as feministas brasileiras?

Eu estava na Vozes como editora e, nessa época, conheci as primeiras paulistas, Eva Blay, Heleieth Saffioti, Carmem Barroso (eu acho que eu também conheci nessa época, não estou lembrada), a Maria Luiza Eluf – as mais antigas já estávamos juntas nesta época, a Marta Suplicy, a Ruth Cardoso. Em 1974 foi que começou mesmo, elas morriam de medo, eu estava sempre na televisão botando o dedo no nariz dos militares, porque eu tinha a Igreja por trás, e foi assim que no Brasil o movimento feminista nasce sem grupos, que eram proibidos grupos com mais de uma pessoa, e foi assim que de 1970 a 1975 eu ia para todas as revistas e todos os canais de televisão. Em 1972 a revista Manchete fez uma pesquisa com 600 universitárias no Rio de Janeiro e lá elas disseram que queriam primeiro estudar e sair de casa para trabalhar, para depois ter marido e filho. Isso era uma grande revolução, porque até os anos 1960 o pessoal ficava esperando marido, e aí já tinha acabado esta mística. Quando eu entrei no feminismo em 1969, tinha naquela época 300 mil pessoas na universidade, sendo 200 mil homens e 100 mil mulheres. Quando em 1975 eu ganhei uma bolsa para ir ao México para uma reunião, eu dei a bolsa para fazer o primeiro centro da mulher brasileira com primeiros grupos, porque nesse ano a Mariska Oliveira conseguiu que a ONU patrocinasse uma reunião. Essa reunião era feminista, não me convidaram, porque eu era uma estrela e eu fui lá honestamente ver da platéia, mas só quem era fotografada era eu. Foi engraçado.

Conte como foi a fundação do Centro da Mulher Brasileira?

Então, em 1975, se funda o Centro da Mulher Brasileira e nesse ano quando a gente foi fazer um relatório para o México, nós vimos que tinha 500 mil mulheres na universidade e 500 mil homens. Tinha havido uma transformação monumental da condição da mulher, em silêncio, durante o governo militar, que era a época do governo brasileiro ninguém sabia, e na mesma época a força do trabalho salta de 6 para 12 milhões de pessoas. Ela dobra. Então foi por isso que o feminismo, mesmo sem grupo nenhum, nunca mais saiu da mídia e a minha vida era um inferno, porque eram os militares de um lado, a mídia do outro, e a Igreja do outro. Ai em 1975 por ocasião do Ano Internacional da Mulher, os convites ficam exacerbados e eu fui parar na prisão de mulheres. O Jornal do Brasil deu uma cobertura, elas pediam lesbianismo e educação dos filhos, olha só! Elas queriam se ver livres daquelas guardas horrorosas com cara verde, eram umas bruxas. Aí as prisioneiras vieram falar comigo. eu fiz as reivindicações. Neste momento, proibiram minha obra inteira. Eu tinha feito em 1974 *O homem não entra*, já conhecia as feministas, mas não existia movimento nenhum em São Paulo. Bom, foi no dia 9 de outubro de 1975, quem me chamou foi a Albertina Duarte, o pessoal do partido comunista – sempre o partido comunista metido nas organizações feministas para aparelhar o partido. Eu me lembro, que antes de 1975, o partido tinha mandado os jornalistas do Jornal do Brasil botar o nome de Rose Marie Muraro junto de Heloneida Studart que era comunista, para que ela fosse também considerada feminista. Ela era minha amiga. Só Carmem da Silva continuava na revista *Cláudia* assim meio intocada, e então a gente funda o Centro da Mulher Brasileira no dia 9, isso é em julho de 1975, aqui no Rio. Em outubro a Albertina Duarte do partido comunista vem com as mulheres, e de um lado tinha as freiras e o Cardeal, do outro lado tinha as mulheres do partido comunista, acho que fundamos o Centro de Desenvolvimento da Mulher Paulista. Então, nesta hora, eu recebo um telefonema da editora Vozes, era para eu ir para o Rio; meu patrão foi me dizendo: “Filhinha, o DOPS veio aqui e levou toda a tua obra, queimaram tudo”. Eu volto para a reunião e disse: “Senhores, acabo de ser condenada pelo DOPS”, fui aplaudida de pé e não podia falar nada. Foi

o Armando Falcão que me proibiu, fiquei deprimidíssima. Aí começa o Centro da Mulher Brasileira de 1975, fiquei deprimidíssima, acabei indo pros Estados Unidos, foi incrível. Tenho tudo isso no meu livro *Memórias de uma Mulher Impossível* e a história é contada com 400 páginas com tudo, aqui é impossível sequer contar o resumo.

Foi nessa época que você ganhou a bolsa Rockefeller? Qual era seu projeto, então?

Eu havia conseguido uma bolsa da Fundação Rockefeller para fazer um trabalho sobre “por que as camponesas tinham motivação para ter tantos filhos?”. Este era o projeto inicial. A revista *Época*, de março deste ano, traz um artigo que conta sobre o início do feminismo no Brasil. Lá você pode ler que a Ruth Escobar, que nessa época tinha se tornado feminista, fazia a Frente da Mulher Paulista, que se transforma no Congresso da Mulher Paulista. Sempre com o partido comunista por trás também e perseguindo as feministas. Estas ficavam danadas, porque aí o movimento estava meio rachado, de um lado, as feministas comunistas e, de outro lado, as feministas burguesas, como elas diriam. Só que, quando as comunistas entravam para o movimento feminista, elas se convertiam ao feminismo. Era interessante, porque elas viam que era uma luta perfeitamente válida. Isso foi em 1978, começávamos as teses sobre a mulher, os livros. Aí eu publiquei muita coisa na Vozes, que era pioneira. Lembro-me que, em 1974, eu dizia (eu ainda era uma pessoa bem comportadinha) às freiras (eu ia ao movimento familiar cristão): “Olha, se os homens são pioneiros, a Igreja é pioneira na libertação dos homens.”

Você foi uma das editoras responsáveis por ter publicado livros sobre a Teologia da Libertação no Brasil, na Editora Vozes. Como foi?

Um jovem teólogo, Leonardo Boff, apareceu um dia, por lá. Tinha chegado em 1971. Eu virei para ele e disse: “Olha, rapaz, você vai pra favela, vai ver a situação dos pobres, aí você volta pra conversar comigo. Eu não vou editar nem Gaston Bachelard, nem Hans Küng, antes de você conhecer a realidade brasileira.” Ele foi e voltou com um livrinho embaixo do braço chamado *Jesus Cristo, Libertador*; foi aí que eu vi que ele era um gênio, a partir daí nunca mais ninguém me-xeu comigo na Igreja. E a gente formou uma dupla que

existe até hoje. Acaba de sair um livro meu e dele sobre gênero, que a minha utopia era escrever um livro sobre gênero com um homem. Eu escolhi ele, perguntei se ele queria fazer, ele topou e acho que é um grande livro. Inclusive com considerações teológicas sobre gênero e eu tocando a parte psicológica, a parte sociológica, a transformação do Estado. Os dois enfoques são muito necessários.

Quando as feministas começaram a organizar congressos?

Bom, vamos voltar no tempo. A partir de 1979, já está o feminismo tomando conta do Brasil, porque fazem-se os congressos: primeiro o Congresso da Mulher Feminista no Rio de Janeiro, o Congresso das Metalúrgicas, o Congresso da Mulher Paulista. Eu não me lembro de todos, eu não participei de todos, estou só contando os de que eu me lembro. Quando, em 1972, nós fizemos um congresso com a Romi Medeiros, os militares vieram me prender, pois não era permitido fazer congressos, nessa época. Como a Romi Medeiros era a única mulher que tinha passagem pela direita, ela organizou o Primeiro Congresso da Mulher Brasileira, aí os militares quiseram me prender. Ela pegou aquelas dondocas todas e foi para o DOPS, dizendo: "Se ela for presa, todas nós seremos". Eles ficaram apavorados, mandaram tirar a reportagem sobre o Congresso que estava em todas as páginas, nas primeiras páginas dos jornais, e nunca mais ninguém falou naquele Congresso. A gente acabou sem ninguém falar. Agora vamos voltar para 1979, quando já havia feminismo no Brasil inteiro. Em 1978 foi a Igreja e as mulheres que deram condições aos metalúrgicos de ficar 41 dias sem receber dinheiro, e conseguir dobrar a FIESP. Era greve, a primeira grande greve, e quando surge o Lula. Quem ajudou a fundar o PT foram os bispos progressistas e as mulheres que saíam pelo Brasil inteiro, as mulheres feministas, não tinha ainda mulheres de classe popular no feminismo. Quando a Marta Suplicy começa a fazer o *TV Mulher*, aí é que o feminismo realmente vai para todas as classes sociais. Quando, em 1982, eu fiz uma entrevista com as operárias em São Paulo, as camponesas não sabiam de nada, eu trabalhava as classes sociais. O feminismo não era um problema que tocasse as camponesas, mas as operárias sabiam direitinho onde era a opressão específica da mulher. Eu me dizia esta *é a próxima*

classe social, elas têm uma consciência feminista, que eu nunca imaginei que elas poderiam ter. Isso está no livro *Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil*, quando eu falo sobre a vida da mulher com as operárias de São Paulo. Inacreditável a consciência delas, que diziam assim: "antigamente a gente obedecia ao marido, agora não precisa mais, antigamente a gente obedecia à mãe, agora a gente que sustenta a casa". Elas sabiam tudo, tudo da opressão da mulher, de uma maneira popular, e é nesse momento que eu percebo, e a Marta Suplicy também, porque a TV Globo proibiu o programa *TV Mulher* quando as mulheres de classe operária começaram se organizar, isto antes das Diretas Já.

Qual a importância dos anos 1970, para o movimento feminista e os movimentos sociais, em geral?

Nos anos 1970, os movimentos sociais já saíam da Igreja, o movimento negro, o movimento de mulheres. A revolução das mentalidades que aconteceu nos anos 1960 nos Estados Unidos, acontece aqui nos anos 1970, em plena ditadura militar, em que era proibida qualquer atividade política. Nasce o movimento feminista, nasce o movimento negro, nasce o movimento de consciência jovem: as drogas, toda a liberação sexual, tudo isso, nasce nos anos 1970. E é assim que nos anos 1980 entram no poder, ao mesmo tempo, João Paulo II, Margareth Thatcher, Ronald Regan, Helmut Kohl, isto tudo programado como eu acho que programada é a entrada do Bush, do Jean-Marie Le Pen, agora programada por uma direita desesperada, porque não encontrava mais pessoas que quisessem dar suas vidas pelas multinacionais. Todo mundo queria trabalhar seis meses e viver seis meses, ir para a Índia, ou para Macchu Picchu ou para Salvador, era essa a época. Em 1980 eu vi como a direita se organizou nos anos 1970, dentro daquela bagunça que eram os Estados Unidos. Para mim, aquilo era um laboratório, eu conto isso tudo nas *Memórias de uma Mulher Impossível*. Então, em 1980 começa um "backlash" de direita terrível, terrível, e eu acho incrível, eu via o povo americano, durante a década de 1980, triste porque a Aids veio – e é uma doença fabricada – e eu tinha todo o material mostrando. O escândalo estourou em 1985, era para acabar com os homossexuais, e voltar ao comportamento convencional. A Ana Maria Eszcurra, que era uma socióloga argentina, tinha descoberto que as orga-

nizações americanas tinham descoberto que o comportamento liberal na área de sexualidade levava para a esquerda econômica. Então, tinha que voltar ao comportamento convencional, assim como a gente mostrou no nosso livro que mexer na sexualidade, na violência contra a mulher era mexer na violência de classe. Aí então o livro *Sexualidade da Mulher Brasileira* sai em 1983, teve um sucesso estrondoso, e se torna um grande clássico, por causa destas descobertas. Falei sobre isso, no dia 25 de janeiro de 1983 no Rio de Janeiro e em 20 de janeiro eu falo em São Paulo. Em 1983, começa o Conselho da Condição Feminina, com o Montoro. Aí está descrito direitinho com a Silvia Pimentel na revista *Época* de março deste no. A Eva Blay fica com o Conselho, em 85 a Ruth Escobar pega as feministas históricas, nós vamos até o Tancredo Neves. Eu me lembro quando a gente jantou no Palácio das Mangabeiras, almoçamos com ele e ele aceitou fazer o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. E este Conselho conseguiu a melhor constituição do mundo sobre a condição da mulher, 80% foi votada, menos o aborto, e não foi implementada, quando o Ministro da Justiça era Oscar Dias Correia. Como a gente tinha conseguido a licença maternidade, a licença paternidade, que o negócio estava muito ruim para o sistema produtivo, eles nos mandam embora, violentamente. Eu me lembro da Eva Blay, todas as conselheiras, a Jacqueline Pitanguy, a Silvia Pimentel, umas cem mulheres vestidas de preto com tropas e cachorros em cima da gente, isso era 1989, e aí você já sabe, os Conselhos se sucedem nos estados. As delegacias de mulheres foram criadas ainda nos anos 1980. Eu acho que foi na época do caso do Doca Street, que pegou a nação inteira, com "quem ama não mata". Isso também iniciou um sério debate. Nos anos 1990 as feministas chegam às classes populares, e toda a história do feminismo com a Igreja. Tive um contato com Catholics for a Free Choice. Quem me levou para conhecer a Frances Kissling foi a Carmem Barroso. Foi em 1988 que nós fizemos o livro *Mujer e Iglesia*, com a Cristina Grela. Em 1989, você, Luiza, era vice-diretora da Faculdade de Teologia N.S. Assunção, e foi graças a você que eu fui lá. Lembro daquela vez

que tinha 400 estudantes: 20 mulheres e 380 homens. Eu falei sobre espiritualidade e analidade, era um capítulo de *Os Seis Meses em que fui Homem*, um negócio importantíssimo: a espiritualidade era uma projeção das coisas mais terrestres que eram as fezes, como isto acontecia, a sublimação. Está no meu livro com o Leonardo, mas de uma maneira muito mais profunda. Em 1990 você me convidou para aquele seminário no NETMAL, com o Otto Maduro, sobre Feminismo e Religião. Em 1989, tinha sido o Ano Internacional da Mulher, com a Campanha da Fraternidade da CNBB. O Dom Eugênio Sales me proibiu de falar em 4 paróquias. Eu só consegui falar em São Paulo.

E nos anos 1990, o que aconteceu?

Dos anos 90 você sabe tudo! Católicas pelo Direito de Decidir é fundada em São Paulo, tem o caso do conflito da Igreja com a Ivone Gebara, a religião e o feminismo se ligam muito através de Católicas. Eu escrevi um esboço sobre a Teologia da Culpa e botei nos *Textos da Fogueira*, e agora vocês podem fazer a Teologia do Prazer. Mas, para isso, tem que saber por que existe a culpa, para que ela existe: é para fazer o escravo aceitar com alegria sua escravidão, e não ter prazer. Desde o início dos anos 1990, eu me dediquei à editora Rosa dos Tempos pra publicar livros sobre gênero.

E quais as perspectivas para o século XXI?

Eu acho que o feminismo tomou a sociedade inteira, veja a ascensão de mulheres na política como a Roseana Sarney, a Marta Suplicy, a Benedita da Silva, a quantidade de mulheres que, com nosso discurso, está concorrendo a eleições, todo mundo vai querer uma vice mulher, ou uma candidata aos estados, vamos ver o que acontece então. O meu livro é dedicado a Marta Suplicy, caso um dia ela se candidate à presidência da República. Veja também meus artigos na Folha de São Paulo, onde eu digo, não basta ser mulher, mas tem que ter um enfoque de gênero, porque a mulher sem enfoque de gênero é pior que um homem. O meu próximo livro é sobre a reforma do Estado com enfoque de gênero.